

Antes da viagem

Isabel Cristina MATEUS / Cândido Oliveira MARTINS

A obra literária de Maria Ondina Braga ocupa um espaço muito singular na literatura portuguesa contemporânea, desde logo por conceder uma enorme atenção à temática da Viagem e aos diálogos interculturais, num olhar aberto, plural e humanista, sendo por isso motivadora de grande atração e pluralidade de leituras. Podemos mesmo falar de uma fecunda *poética da relação* que põe em diálogo territórios e culturas mais ou menos distantes – Norte e Sul, sobretudo Ocidente e Oriente –, em cruzamentos e encontros inesperados e desafiadores, estabelecendo pontes e indagando identidades, fazendo coexistir o diverso.

Foi esta diversidade de abordagens e de leituras, mas também de vozes e de contextos (ou de públicos) que entendemos privilegiar enquanto organizadores deste livro temático dedicado à escritora e que é também para nós uma viagem pelo seu universo ficcional. Na secção I (*Partida*), o mote foi dado com a realização de uma mesa-redonda sobre o tema geral da Viagem e da Literatura moderada pelo Dr. José Manuel Mendes, Presidente da Associação Portuguesa de Escritores (APE), entidade promotora, em parceria com o Município de Braga, do Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga. Deste modo se procurou inscrever a viagem numa tradição literária que convoca não apenas a viagem física, mas também a viagem interior, a viagem pelo tempo e pela memória, a viagem pelas culturas, pelas histórias e pelo imaginário, entre outras, conquistando ao longo do tempo autores tão diferentes e tão distantes como Marco Polo ou Fernão Mendes Pinto, Bruce Chatwin, Paul Bowles ou Olga Tokarczuk. Nessa mesa-redonda participaria igualmente o escritor e jornalista Paulo Moura, cuja obra *Extremo Ocidental* foi a vencedora da 1ª edição deste Prémio. A propósito da sua viagem de moto

pela costa ocidental portuguesa, Paulo Moura deixou-nos o testemunho de alguém que conhece as estradas do mundo, para além do repto provocador de “candidatar” o velho espírito de viajante português a património imaterial da Humanidade.

Na secção II (*Viagens e Culturas*), a parte central da obra, mais vocacionadamente ensaística, deparamo-nos com nove textos críticos que nos convidam a outras tantas viagens hermenêuticas pelo universo ondiniiano. Carina Infante do Carmo propõe-nos uma viagem ao passado da escritora, revisitado quase trinta anos depois da sua passagem por Angola e por Goa, em *Passagem do Cabo*, misto de crónica e de testemunho autobiográfico. Analisando as significativas mudanças introduzidas entre a primeira edição da obra, publicada originalmente em 1965 com o título *Eu vim para ver a Terra*, e *Passagem do Cabo*, em 1994, a autora acompanha o modo como o olhar de Maria Ondina pressente os sinais de aceleração da História nestes lugares e o fim anunciado do império colonial, dando-nos a descobrir uma escritora que, sem abandonar o ângulo etnocêntrico perante a paisagem africana, se abre ao desconhecido e ao Diverso que, na esteira de Segalen, acolhe o outro na sua irredutível diferença. A ligação de *Passagem do Cabo* à literatura de viagens e à literatura colonial é aqui uma proposta de leitura tão aliciante como desafiante.

Dora Gago chama-nos para uma obra como *Angústia em Pequim*, dando-nos conta do modo como Maria Ondina vê nesta cidade, revisitada quase duas décadas depois de *A China fica ao Lado*, uma sinédoque da China acabada de sair da Revolução Cultural, ao mesmo tempo que nos permite acompanhar o confronto íntimo da escritora com a diferença e a estranheza do Outro, a forma como a sua escrita estabelece pontes de contacto entre identidade e alteridade ou promove um diálogo intercultural. A partir do conceito de intertextualidade, a ensaísta procura mostrar como esta abertura ao desconhecido e ao Outro se traduz na presença e na importância que adquirem na construção da narrativa, as lendas e tradições da China, as citações ou alusões a poetas ou figuras históricas da cultura chinesa.

Isabel Cristina Mateus convida-nos a uma viagem dupla ou em duas etapas, na companhia de Paulo Moura e de Maria Ondina: numa primeira etapa, uma viagem pela nossa terra, e em particular pela costa litoral portuguesa, à descoberta do país que somos, mas também dos lugares secretos de Ondina e da sua geografia literária; numa segunda etapa, viajando nos comboios do mundo com Ondina ou surpreendendo a escritora a bordo de um navio cruzeiro para

o Brasil. O conceito de “life-writing”, as cartas ou diários de bordo escritos ao longo destas viagens (e ainda inéditos), adquirem aqui uma relevância especial, revelando-nos a mulher para além da (ou sob a máscara da) escritora.

As características temático-formais que mais singularizam e melhor qualificam a escrita de Maria Ondina Braga são – para José Carlos Seabra Pereira – indissociáveis de uma constante deslocação, física, mental emocional nos espaços e nos tempos *existenciais*, mas também de uma escrita em permanente e inconclusiva demanda de identidade entendida não como “being” mas como “becoming”. Esta dupla mobilidade traduz-se, por um lado, numa indefinição intencional da narrativa, em que o eu, em *suspensão* permanente, se confronta com a incerteza da relação com os outros e com a alteridade do mundo; por outro lado, dando corpo a uma escrita como auto-hospitalidade onde o diferimento e a *interruption* cedem lugar à irreduzível suspensão do ser.

A partir de *Passagem do Cabo*, Cândido Oliveira Martins propõe uma *poética da viagem* nesta autora, realçando desde logo o intenso apelo da viagem, tão congenial à escrita de Ondina Braga e à sua atração pelo Outro e pelo Diverso. Com esse objectivo, sublinha o itinerário geográfico das viagens descritas, bem como a insistência nesse campo semântico. Posteriormente, ilustram-se alguns elementos essenciais à temática da viagem – quem viaja, como se viaja, qual a cartografia adoptada, quais os procedimentos estilístico-compositivos mais reiterados e ainda qual o saldo final dessa filosofia da viagem. Por fim, conclui-se uma tipologia e panegírico da viagem, a partir desta obra primordial da autora.

Ler Maria Ondina Braga em leitura cruzada com outro autor contemporâneo, recentemente desaparecido, Paulo Varela Gomes, é a proposta de Isabel Cristina Rodrigues. Ambos professores e ambos viajantes, foram cronistas exemplares dos itinerários que percorreram. À luz deste inesperado olhar aproximativo, é tentador e fecundo ler os dois autores-viajantes como herdeiros das deambulações e do olhar de Cesário Verde, nas deambulações que os dois contemporâneos empreenderam pela Índia (Bombaim e Goa), no caso de Paulo V. Gomes, pelo Oriente (Macau, sobretudo), no caso de M. Ondina Braga, desde logo partilhando uma singular percepção imaginativa e sensacionista do mundo por onde deambulam. A autora de *Nocturno em Macau* parece até corporizar um certo tipo feminino de *flâneur*, de herança baudelairiana, na sua pulsão para a viagem e para o “movimento visualista”, enquanto caminhante embriagada com a paisagem que vai apreciando, num

“atordimento sensitivo”, mesmo se esse visualismo nunca abdica da imaginação e da subjectividade.

Para Maria Araújo Silva, nas suas múltiplas histórias e viagens, a escrita da autora (do romancê e da autobiografia ao conto) valoriza claramente uma estética do segredo. Esta ênfase que move as vozes narrativas e as personagens transforma as viagens por territórios e culturas distantes num reiterado diálogo com a alteridade, por parte de um Eu solitário, sempre atraído pela Diferença e pelo Outro. A partir de uma *poética da relação*, na senda da proposta de Édouard Glissant, tendo em conta a prevalência de uma *identidade-rizoma*, pretende sublinhar-se que o completo conhecimento e desvendamento do Outro se revela impossível, permanecendo envolto em mistério e enigma.

A escrita de Ondina Braga é inseparável da sua experiência de vida, sobretudo no Oriente (Macau), implicando um especial pacto romanesco autobiográfico. Neste enquadramento, Mônica Simas detém-se na leitura das manifestações do sobrenatural. Desde logo, é uma forma de a voz narrativa ondiniiana de *Estátua de Sal* falar de si e de se conhecer ou revelar, numa teia de recordações e de subjectividade, quer como “exame de consciência”, quer sob a forma de contínuo diálogo / monólogo especular e magoado.

Nessa indagação, sobressaem a preocupação reflexiva, a temática ou horizonte do mundo a morte, confrontos de diferentes mundividências – tudo por entre paisagens diversas, habitadas por evocações e espectros, personagens e simulacros. À luz do pensamento de M. Foucault, a voz ondiniiana apresenta-se sob o “signo de anto implicação”. Assim, a viagem geográfica é caminho privilegiado para um mergulho interior (catábase), em que avulta uma “tautografia” recorrente (M. Blanchot) enquanto forma de indagação da identidade.

Também Claire Williams reforça o facto de a escrita desta autora ser atravessada por encontros culturais, proporcionados pela viagem múltipla e conseqüente diálogo entre culturas diversas. Variadíssimos textos ondiniianos patenteiam o “confronto com o novo, o estranho e o diferente”, pondo sempre à prova a questão identitária nessa relação aberta e plural. Deste modo, viajar é conhecer espaços, pessoas e mundividências, num jogo complexo ao nível da identidade e da relação; a viagem é indissociável de experiências e horizontes novos, aliando diversos processos da percepção – da observação à imaginação. Além disso, a viagem opera um curioso processo de transformação e de suspensão da vida normal do viajante. Estes e outros traços encontram-se

exemplarmente analisados no conto “O destino viaja a bordo”, ao relatar a viagem e a experiência de uma mulher perseguida.

A terminar o livro e a viagem que propomos, a secção III (*Regresso*) é preenchida com um texto de José António Barreiros que nos propõe uma viagem sobre a vida e obra da autora, através de um registo empático e impressionista do leitor “apaixonado” pela escritora, salientando os múltiplos enlances entre a biografia e a escrita de Maria Ondina Braga.

Parece-nos fazer sentido que uma obra temática desta natureza se encerre com um *roteiro literário*, isto é, com um convite à viagem com a escritora pelo centro histórico de Braga, a cidade natal que transportou consigo no nome e lhe serviu de legenda para a cartografia do mundo que os seus passos desenharam. A partir do roteiro literário *Viajar com... Maria Ondina Braga*, e com a colaboração do Museu Nogueira da Silva, desenhámos um mapa com os múltiplos espaços da cidade que constituem os lugares de afecto da escritora e tivemos ocasião de realizar uma visita guiada que só foi possível graças à disponibilidade, generosidade e empenho de várias entidades (desde logo à Minho Free Walking Tours) e de particulares (entre eles, o Eng. Luís Soares Barbosa que nos abriu as portas da casa onde a escritora nasceu e o fotógrafo José S. Rocha, autor das fotos do tecto desta casa, mapa anunciado do que viria a ser a itinerância de Ondina) a quem expressamos o nosso mais profundo agradecimento.

Certos de que não há viagem sem um mapa, deixamos aqui este mapa-itinerário “Braga, os passos de Ondina” que o leitor poderá destacar e levar consigo à descoberta da cidade como um convite à viagem através da escrita, do olhar e da sensibilidade de Maria Ondina Braga.